

Catástrofes da viagem ao Norte

Narrativas jornalísticas de José do Patrocínio sobre a seca de 1877-79

Daniel Macêdo¹

Resumo

A seca de 1877-79, diferente de outros períodos de estiagem hídrica, foi marcada por migrações de sertanejos em volume nunca antes experienciado. Nomeados por retirantes ou por flagelados, as presenças destes perfis no espaço urbano e as mazelas atribuídas à fome e à miséria se anunciavam como catástrofes a serem resolvidas pelo Império. A fim de conferir o que acontecia no Norte, José do Patrocínio empreende um percurso nomeado por Viagem ao Norte em que busca conferir as catástrofes da seca na região e narrá-las em publicações da *Gazeta de Notícias* e da *Revista O Besouro*. Com as publicações, este artigo mira as catástrofes da seca de 1877 narradas por Patrocínio a fim de discutir os imaginários mobilizados à região a partir dos escritos jornalísticos.

Palavras-chave: Seca de 1877. José do Patrocínio. Catástrofe. *Gazeta de Notícias*. *O Besouro*.

77

Catastrophes of the Journey North: Journalistic Narratives of José do Patrocínio on the Drought of 1877

Abstract

The drought of 1877-79, unlike other periods of water scarcity, was marked by migrations of sertanejos in a volume never before experienced. Known as "retirantes" or "flagelados", the presence of these individuals in urban spaces and the hardships attributed to hunger and misery were seen as catastrophes to be addressed by the Empire. In order to witness what was happening in the North, José do Patrocínio undertook a journey called Viagem ao Norte (Journey to the North), in which he sought to observe the catastrophes of the drought in Fortaleza and narrate them in publications in *Gazeta de Notícias* and *O Besouro* magazine. Through these publications, this article examines the catastrophes of the 1877 drought as narrated by Patrocínio in order to discuss the imaginaries mobilized in the region based on his journalistic writings.

Keywords: Drought of 1877. José do Patrocínio. Catástrofe. *Gazeta de Notícias*. *O Besouro*.

¹ Doutorando em Comunicação e Sociabilidades Contemporâneas na Universidade Federal de Minas Gerais, bolsista da Capes e integrante do Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: narrativa e experiência. E-mail: daniel.3macedo@gmail.com.

Introdução

As práticas de nomadismo associadas a períodos de estiagem são notadas, nos estudos do historiador Durval Albuquerque Jr. (1988), desde as incursões coloniais nos espaços que hoje conhecemos como semiárido brasileiro. Com o tempo, convencionou-se chamar os períodos de escassez hídrica por seca e a registrá-los como uma experiência peculiar ao território. As secas, acompanhadas de migrações, redimensionaram-se em 1877 pelo volume de migrações nunca antes notado nos centros urbanos.

A presença expressiva de sertanejos na Fortaleza de 1877 inseria, com os corpos e com as práticas que produziam cisões ao imaginário de progresso almejado para cidade, a seca como uma experiência sensível aos cidadãos que, em casos anteriores, não se percebiam abalados pela seca. Segundo o historiador Frederico Neves (2005, p. 117), migrantes eram tidos como “estranhos” e, ao chegarem à capital do Ceará, deslocavam a seca do “mundo dos fazendeiros” para as vias em urbanização. Ao longo desta pesquisa, podemos observar como um notório vocabulário das secas, forjado a partir das migrações, se constituiu neste período, a exemplo dos termos *‘flagelado e retirante* (Macêdo, 2024) que foram criados para designar a despertença de sertanejos nos espaços urbanos.

Esta estranheza que tensiona o vocabulário e as dinâmicas sociais são apontamentos importantes para conferirmos que a seca de 1877 conformou-se em “catástrofes” se, em conjunto com Albuquerque Jr. (1988) ao investigá-la, mirarmos que distintos perfis compõem diferentes percepções sobre a experiência social deste período. Isto é, diferente de um dado comum e homogêneo, a pesquisa de Albuquerque Jr. (1988) considera que diferentes catástrofes se forjam a partir das significações atribuídas ao acontecimento das secas; revelando, com isso, as agências políticas pelas quais se afirmam determinados aspectos como rupturas ao cotidiano. Dentre as perspectivas investigadas por Albuquerque Jr. (1988), estão as discussões realizadas na Câmara de parlamentares que, naquele ano, pautou em inúmeras sessões a emergência das secas ao espaço urbano e a desfiguração dos projetos de modernização; intimando, com isso, a responsabilização do Império com a resolução dos problemas associados à seca.

A atuação política de parlamentares do Norte verteu-se em expressivo aporte financeiro do Império para lidar com a seca e com a fome e, com a quantidade excessiva de retirantes sem atribuições, criou-se condições para retomada das obras de infraestrutura paralisadas e para execução dos projetos idealizados para cidade. Com os sertanejos que aportavam em Fortaleza e que eram enviados aos abarracamentos — zonas em que se

produzia aglomerações de migrantes a fim de conferir higienização social ao confinar os corpos tidos como indignos de transitar no espaço urbano e, com isso, dispô-los em alocações que já não eram visíveis como parte da cidade — orientavam-se iniciativas de trabalho sob pagamentos irregulares, como observara Neves (2005).

Estes acontecimentos históricos são amplamente narrados pelo jornalismo realizado na região durante aquele período, como evidencia a pesquisa realizada por Camila Burgardt (2014) ao mirar as narrativas realizadas por periódicos cearenses, paraibanos, pernambucanos e potiguares. As perspectivas anunciadas nos jornais fundamentavam às atuações parlamentares e, por vezes, eram utilizadas como provas da catástrofe ao progresso que se modelava com a Seca de 1877 na região. A redação do *Gazeta de Notícias*, situada na cidade da Guanabara daquele período, acompanhava de perto as discussões parlamentares sobre os recursos empenhados para lidar com a seca de 1877 e, com frequência, citava o assunto em suas publicações. Enquanto os jornais investigados por Burgardt (2014) firmavam-se em meio a contextos em que as experiências com a seca eram visíveis e sensíveis aos leitores, esta não era uma condição a quem relacionava-se com as publicações da *Gazeta de Notícias*.

Em 1877, perdurava uma incredulidade na sede e no Sul do Império sobre as catástrofes narradas no parlamento pelos representantes nortistas que demandavam recursos. As dúvidas instauradas na Câmara ao apontado pelos parlamentares e descrito nos jornais do Norte sobre a Seca de 1877 também ecoava nas ruas da cidade neutra. As pessoas da corte desconfiavam das catástrofes evidenciadas nestas narrativas e, direcionadas a este público, as narrativas da *Gazeta de Notícias* exercem relevância particular ao confluir em esforços para conferir as perspectivas anunciadas nas tribunas parlamentares e ao atuar como um periódico de circulação na sede do Império.

Criada em 1875, a *Gazeta de Notícias* (1875) destaca em sua primeira publicação que não tinha um programa definido ao equiparar que “os programas, em geral, são como as constituições do tal Rei. Nada, nada” e, com isso, defendia a soberania da factualidade e da racionalidade às suas publicações. Para o historiador Nelson Sodré (1999), esta é uma publicação republicana e crítica à monarquia. Trata-se de um “jornal vivo, popular, empenhado em dar aos leitores informações colhidas por observadores diretos”, como observa Raimundo Magalhães Jr (1972, p. 55) ao discutir o papel exercido por tais observadores; dos quais destaca Machado de Assis, Olavo Bilac, além de José do Patrocínio a quem dedica maior atenção em sua pesquisa.

Ainda que, por vezes, utilizassem pseudônimos para evitar perseguições políticas e represálias do Império, as produções da *Gazeta de Notícias* prescindiam do pacto com o leitor em que se afirmava a presença de um observador a mirar um dado acontecimento e pelo qual se firmaria um testemunho sobre o que se via e se vivia. José do Patrocínio partilhava deste pacto e, para narrar contrapondo-se aos interesses imperiais, utilizou muitos pseudônimos, como destaca Magalhães Jr (1972) ao propor inscrições biográficas deste perfil que se firmou como um herói brasileiro que exercia, com a escrita em jornais, disputas políticas em defesa da justiça social e do abolicionismo.

José do Patrocínio é o nome assinado pelo filho do cônego João Carlos Monteiro com a escrava Maria Justina do Espírito Santo que fora registrado por José Maria do Espírito Santo ao nascer em São Salvador dos Campos dos Goytacazes. Patrocínio foi um homem negro que sabia escrever em meio ao regime imperial e que ocupava espaços que não eram comuns, a exemplo dos ambientes de formação superior e das redações jornalísticas. A escrita de Patrocínio possui um forte engajamento com pautas da agenda social; contudo, é na *Gazeta de Notícias* que Patrocínio firma a escrita como prática de intervenção política se considerarmos, a partir dos dizeres de Patrocínio refletidos por Magalhães Jr (1972, p. 32), que esta redação promovia “uma verdadeira revolução no jornalismo brasileiro da época” ao valorizar um pacto de observação dos acontecimentos a partir dos jornalistas, admitindo uma flexão entre a parcialidade política por eles exercida e a premissa ética para narrar com fidelidade o que se vivia.

Os imaginários propostos nos recorrentes apontamentos jornalísticos, tidos como incríveis para muitos leitores, desperta particular interesse da *Gazeta de Notícias* (1878a) que custeava a ida de Patrocínio a Fortaleza a fim “de apreciar de perto tão horrível situação” para produzir “notícias exactas e minuciosas” sobre “os successivos horrores por que tem passado ultimamente aquella infeliz provincia, os dramas de miseria que alli se têm repetido”. A expedição, realizada entre maio e agosto de 1878, textualizou-se em relatos reunidos na coleção ‘Viagem ao Norte’ publicados na coluna Folhetim que ocupava a primeira página da *Gazeta* entre junho e setembro daquele ano.

Em 1878, Patrocínio também escrevia para a revista *O Besouro* e, nela, circulava outras perspectivas ao acontecimento que já não se fixavam às disputas parlamentares; para, aqui, propor imagens da seca. *O Besouro*, criado pelo português Rafael Pinheiro, é apontado por Ana Martins e Tania de Luca (2012) como um produto crítico à monarquia e amparado em recursos visuais. Assim, sob a alcunha jornalística, Patrocínio narrava o que

via nas ruas do centro da cidade portuária em escritos para *Gazeta de Notícias* a fim de justificar a aplicação dos recursos imperiais no combate à seca; enquanto conferia os horrores que se anunciava nas capitais e os partilhava com *O Besouro*, espaço em que podia exercer tônica política mais acentuada.

Não à toa, a chegada de Patrocínio à Fortaleza é anunciada pelo jornal *O Cearense* (1978) como a recepção de um “hóspede ilustre” que viera para “colher apontamentos sobre os diversos fenomenos da secca que assolam esta província”. Considerando a *Viagem ao Norte* como um empenho jornalístico para conferência dos ‘horrores incríveis’ da seca de 1877 e o papel exercido por Patrocínio ao fazer-se narrador dos acontecimentos das terras distantes aos cidadãos da cidade neutra, os escritos decorrentes deste processo firmam-se como elaborações referenciais para considerarmos as imagens em disputa sobre o território e os ocorridos neste período. A partir de aproximações com as textualizações realizadas por Patrocínio em Fortaleza, este artigo volta-se em reflexões com as narrativas jornalísticas a fim de mirar as catástrofes da seca de 1877 que se mobilizam com estas produções.

Catástrofes nas narrativas jornalísticas

Para mirarmos as catástrofes da seca de 1877 nos escritos da *Viagem ao Norte*, interessa-nos tomá-las como narrativas jornalísticas. Isto é, partindo das proposições de Bruno Leal (2022), admiti-las como afirmações impregnadas por agências políticas e por tomadas de posições ante às agências de um presente para, então, deslocá-las de pretensas homogeneizações. As ranhuras dos processos de composição textual a partir da legitimação social, aliadas ao contexto exposto, elencam Patrocínio como um homem confiável a narrar a vida cotidiana de Fortaleza para a corte e, assim, delega-se determinados exercícios de poderes para observar os ocorridos conformando uma realidade catastrófica.

A catástrofe, para além da eventualidade da seca em suas rupturas às pretensões de um dado comum da vida urbana, confere-se nas narrativas de Patrocínio como um processo de desnaturalização em que o cotidiano pode volver-se de formas imprevistas a partir de modos outros de com ele se relacionar a ele mirar. Isto é, em diálogo com Bruno Leal e Itânia Gomes (2020), considerarmos que a catástrofe é uma prática de conhecimento emergente com a instabilização das relações com as quais nos envolvemos com os acontecimentos. Diferente de uma catástrofe homogênea, as narrativas de Patrocínio

fazem visualizar o que lhe fora sensível ao transitar por Fortaleza mirando uma cidade em cenas que eram (des)conhecidas na sede do Império.

A escrita de Patrocínio, orientada ao desígnio da catástrofe da seca no Norte do Império, nos diz menos da pretensa completude a que buscavam os esforços descritivos; e nos chama a conferir as qualidades do que se toma por catastrófico e que ganha forma a partir do que, sob as contradições das miradas de um jornalista inclinado por intenções narrativas, articula-se como acontecimento. Trata-se de admitirmos, assim como Leal e Macêdo (2023), a multidimensionalidade dos acontecimentos como uma premissa em que diferentes perspectivas dos ocorridos coabitam os espaços e tomam formas distintas a depender das relações cotidianas em que as catástrofes se experienciam. É nesta parcialidade que a catástrofe é aqui percebida como uma proposição articulada as relações contextuais que a instituem. Ainda que outras produções tenham sido escritas pelo jornalista para narrar a seca de 1877, a exemplo da obra *Retirantes* (Patrocínio, 1973), são nas cartas produzidas para *Gazeta de Notícias* e nas duas publicações enviadas para *O Besouro* que podemos tomar notas com maior preciosidade das dimensões catastróficas implicadas por sua presença em Fortaleza.

Estes escritos são, pois, testemunhos das catástrofes manejadas por Patrocínio a partir das relações que se exercem ao elaborar os acontecimentos a partir das possibilidades admitidas em cada periódico. Por isso, neste exercício metodológico, busca-se tomar notas das narrativas como proposições catastróficas que Patrocínio firma em aliança com as produções jornalísticas ao orientá-las aos leitores. Sejam os habitantes da Guanabara em 1878, sejamos nós em outro espaço-tempo, os leitores envolvem-se com os textos praticando adesões e recusas às catástrofes propostas nas publicações; para, assim, modelarem de modos imprecisos as catástrofes possíveis com os repertórios que lhes são acessíveis.

Trata-se, assim, de admitir este exercício com narrativas jornalísticas como uma prática em que as catástrofes propostas por Patrocínio se redimensionam em elaborações catastróficas a partir das tensões do encontro possível entre leitor e textos no percurso de pesquisa. As catástrofes que modulam a escrita não definem a leitura que, por sua vez, assume potência como uma agência em que o catastrófico emerge de modos particulares. Admitir esta relação nos implica, por um lado, a notar que os escritos de Patrocínio se direcionam aos outros que não viveram a seca de 1877 como aportes para imaginar a cidade e as catástrofes que lhes são conferíveis; por outro lado, a reconhecer que as notas

elaboradas com as narrativas jornalísticas constituem-se, aqui, em catástrofes emergentes com a leitura deveras impregnadas pelo olhar e pelas experiências de um pesquisador em um dado espaço-tempo — e, com isso, são impuras e voltam-se contra quaisquer intenções de definir tais escritos.

Para tomar notas das catástrofes, este trabalho confere-se como um experimento metodológico orientado em relações com os textos a fim de conferir narrativas. Nisto, pratica-se atos de leitura tomando notas dos elementos que dizem respeito às catástrofes sobre a seca de 1877 em cada obra a fim de enredá-las (Leal, 2022) compondo uma rede textual em que uma narrativa complexa que se articula como parte da experiência de leitura.

É nesta relação imprecisa entre quem escreve e quem lê que podemos, neste estudo, mirar os escritos realizados por Patrocínio como “traçados de narrativas que se evidenciam enquanto articulações constituintes do tempo e da história, operando como mediações dos processos comunicacionais” (Leal; Manna; Jácome, 2019, p. 80) que nelas não se encerram; mas que com elas emergem vivacidades aos acontecimentos. Conferir este apontamento demanda, aqui, um duplo gesto que considere tanto as tensões instituintes do processo de escrita firmado por Patrocínio, quanto as perenidades emergentes com a leitura, como nos propõe Bruno Leal, Nuno Manna e Phillipe Jácome (2019, p. 75) ao destacarem que há uma “materialidade textual de cada produto ou processo comunicativo, cujos contornos, porém, são mais dinâmicos que os antevistos sob um olhar incauto ou ingênuo”.

Isto é, aqui, considerarmos que a “narrativa deixa de ser tomada como dado e se transforma em modo de articulação temporal dos elementos e das dinâmicas textuais que compõem os jornais, em toda a sua complexidade sensível”, como nos ensina Leal, Manna e Jácome (2019, p. 83); para, com isso, considerarmos as peculiaridades com as quais as catástrofes se articulam a partir dos relacionamentos com os textos neste percurso de pesquisa em narrativas jornalísticas.

Narrativas da Viagem ao Norte

Casas abandonadas e cruzeiros nas estradas são parte das imagens construídas por José do Patrocínio para narrar os caminhos que testemunham a miséria a partir da andança dos retirantes. Com a seca, o jornalista admite que retirantes são perfis “expulsos das suas moradas” cujo “destino dos desgraçados é a peregrinação pela terra natal até encontrarem uma cidade, em que vão adiando miseravelmente o desaparecimento no tumulto”

(Gazeta... 1878g). Em suas cartas, as multidões conformadas pelos retirantes são apontadas como “caravanas da fome que vão a caminho da morte, escoltadas pela prostituição, pelo beriberi, as inchações, as febres, e pelo escarneo e indiferença dos mais felizes” (Gazeta... 1878g). Estas linhas genéricas são parte dos esforços de Patrocínio para dizer de uma catástrofe possível com a seca e que se detalha ao longo de suas publicações.

A cidade de Maceió, do Recife e da Parahyba foram pontos de passagem de Patrocínio em que o autor deteve atenção a “personificação da desventura de uma grande parte de nossa pátria” (Gazeta... 1878b) que lhe confrontava nas rápidas paradas da embarcação em que viajava; sem no entanto, aprofundar investigações e observações nestas paragens. Fortaleza, por sua vez, é apresentada na *Gazeta de Notícias* (1878d) como uma cidade de “regularidade extraordinária”, embora as edificações fossem marcadas por suas faltosas “condições higienicas” e pelo desprovido “esmero architectonico”. Ao habitar a cidade, Patrocínio observa que “as ruas e as praças da cidade estavam entulhadas de desgraçados. As arvores serviam de tecto e esteios as redes das famílias” (Gazeta... 1878h) e, assim como nas cidades por onde passara antes de aportar no Ceará, as cenas que narra orientam-se a conferir “o sordido transbordamento da miséria das províncias do Norte: os miseros retirantes” (Gazeta... 1878c).

Ao alcançarem o litoral, “o condenado procurará em vão trabalho, supplicará debalde um punhado de farinha para a sua penúria” e não encontrará “ninguem [que] se condoera d'elle, e quando estrebuche muribundo, ouvirá ainda a voz do seu semelhante a injuriar-lhe a morte, ponderando que a terra ficou livre de mais um ladrão!” (Gazeta... 1878g). Nos apontamentos de Patrocínio, os retirantes não eram figuras bem vindas na urbe e estavam associadas as criminalidade; “entretanto, é convicção geral que o cearense apenas põe mao no que é alheio, quando já não lhe é possível disfarçar a fome”, destaca na *Gazeta de Notícias* (1878g) ao produzir uma associação dos retirantes ao furto, ao passo que mobiliza o imaginário honroso atribuído ao homem dos sertões a quem a fome — promovida pela seca — corrompe. Neste sentido, afirma-se que “os sentimentos tinham sido bestializados pela fome e o que regulava já não era o coração, mas a intelligencia; o que inspirava os actos já não era o raciocinio, mas a penuria” (Gazeta... 1878h).

É neste sentido que Patrocínio escreve para a recém-lançada *Revista O Besouro* (1878a) o artigo ‘Sermão de Lágrimas’ em que o jornalista toma posição sobre as “lágrimas componentes e desesperada penúria de uma parte da população brasileira”. Apresentado como um neologismo, o termo retirante é associado à “virgindade sofrendo em seu pudor

na semi-nudez andrajosa da miséria”, à impossibilidade de aleitamento das mães que, em vão, buscam “sucretar de seu amor uma gotta de leite, para com ela iludir a secura vesana e a consumpção da fome que lhes assassinam impiedosamente os filhos”; à “profanação dos mais castos sentimentos conjugaes” e a outras performances pelas quais “symboliza uma iniquidade” e pelas quais Patrocínio entende que os socorros não devem apenas inibir à mortandade, mas deve “preservar a moral social”.

Por outro ângulo, o retirante é elaborado nas publicações da *Gazeta de Notícias* como uma figura monstruosa marcada por “rostos escaveirados pela fome reveste-se-lhe de um colorido icterico. Os olhos esbugalhados, os cabelos amaranhados, os andrajos que lhes cobrem os corpos emmagrecidos dão lhe aquelle ar de sorneiro dos idiotas. Retarda-lhes o andar a inchação das pernas e dos pés; curvalhes a cabeça o vexame da desgraça” (Gazeta... 1878c). Com frequência, Patrocínio demarca seu pesar ao perceber-se diante destes perfis e, nesta mesma publicação, revela estar diante de “um quadro verdadeiramente triste” ao “ver as probres mãis e pais, com lentidão doentia, carregando nos braços, e amparando solícitos os passos vacillantes dos filhos, ossadinhas quase forças para vagirem, mumiasinhas farrapilhas ou núas que pedem pão”.

A recorrência com que tais figuras, monstruosamente observadas, emergem ao cotidiano de Patrocínio o permitem considerar que, para um retirante, não há outro destino além da morte anunciada que “atire-o como um trapo immundo á voracidade dos vermes”, dado que “não encontram onde resfolegar desassombadamente o cansaço cruciante da sua desgraça” (Gazeta... 1878h). Para elaborar uma imagem dos mortos que confrontava ao andar por Fortaleza, Patrocínio partilha na *Gazeta de Notícias* (1878f) um momento em que encontra um cadáver que “tinha os labios contrahidos, revolta a cabelleira, salpicada de arêa, os olhos esbugalhados, com coalhos de sangue nas corneas, os dentes e os punhos serrados, qual se na hora extrema o seu ultimo pensamento fosse uma blasphemia ao céu e tremenda maldição á terra” e imagina que este teria razão ao definhar com tamanha rigidez contra a vida que lhe fora negada e frente a miséria da filha e da esposa que lhe impingiam o desespero. Crianças e mulheres são perfis que Patrocínio dedicou atenção especial ao elaborar relações catastróficas ao tornarem-se retirantes.

Sobre crianças, ele aponta que

creancinhas nuas ou semi-nuas, com os rostos escaveirados, cabellos emmaranhados sobre craneos ennegrecidos pelo bó das longas jornadas, com os omoplatas e vertebraes cobertas por pelle resequida, ventres

desmesurados, pés inchados, cujos dedos e calcacinhares foram lisformados por parasitas animaes, vagam sosinhas ou em grupos tossindo, crua anemia e invocando com a voz fraquissima o nome de Deus em socorro da orfandade (Gazeta... 1878e).

Sobre as mulheres, Patrocínio aponta a ruptura com a moral católica na *Gazeta de Notícias* (1878e) a partir da “prostituição extraordinária” em que

moças a quem a fome converteu os traços nitidos da bellesa em repellentes caricaturas, esfolhada pela desgraça a fina flôr do recato, deixando ver o collo moxibento, d'onde pendem os seios em pleno relaxamento muscular. Caminham pelas ruas, pedindo com o olhar, porque não ousam faze-lo com a voz, um pouco de piedade para tamanho infortúnio (Gazeta... 1878e).

Nestes escritos, Patrocínio aponta que o casamento era a forma que as mulheres adotavam para abandonar o “espectro medonho da fome”; mas que a ele voltavam quando os maridos as rejeitavam “um mês depois da sua profanação” condenando-as “à valla do cemitério porque a syphillis tornou-a repugnante e agora só lhe resta arrastar-se pelas ruas causando a todos o asco despertado por um cão leproso” (Gazeta... 1878e).

A prestação de socorros aos retirantes é parte dos interesses principais de Patrocínio e, antes mesmo de chegar ao Ceará, o jornalista já aponta observações sobre as medidas empenhadas e as negligencias encontradas. Na Parahyba, ele narra o encontro com uma figura moribunda a quem perguntou “porque não se recolhia ao hospital” e obteve como resposta “Não nos mandam para lá, nem ha hospital para gente como eu: sou retirante. Os meus companheiros vivem como eu, até que a sua hora é chegada”. (Gazeta... 1878d). Em Maceió, ele visita um “asylo” montado em “dois enormes casarões sem divisões accomodam em promiscuidade immoral cerca de mil retirantes” (Gazeta... 1878c). Estes asylos, reunindo muitas famílias com fogões improvisados, lhes parecia “um logar phantastico, perdido no espaço, em uma nuvem em que vagassem condemnados eternos” ao misturar a fumaça dos fogareiros com os “prantos de creanças cadavericas com enormes barrigas de afoggados”, narra.

Em Fortaleza, assim como em Maceió, a província já dispunha de lugares para concentração dos retirantes. Nomeados por abarracamentos, constituíam-se por áreas distantes do centro urbano em que famílias se abrigavam em “choupanas de carnaúbas”, como detalha na publicação da *Gazeta de Notícias* (1878f). Neste texto, os abarracamentos são apresentados como espaços marcados pela “promiscuidade vai aniquilando as ultimas recordações da vida em família”, pela prostituição e por doenças como a diarreia e a sífilis

que, sem socorros, faz destes lugares uma clausura aos retirantes até “que soe a hora em que pertencerá aos coveiros e ao esquecimento”. Para sintetizar esta percepção, “basta dizer que em abarracamentos de dez mil pessoas ha enfermarias que, no maximo, recebem vinte doentes” argumenta Patrocínio ao tomar os abarracamentos como um “attentado contra a humanidade”.

Tanto nos asylos, quanto nos abarracamentos, eram submetidos ao trabalho sob regime de pagadorias, especialmente alimentação (Gazeta... 1878f, 1878c). As alimentações eram chamadas de “rações” (Gazeta... 1878f, 1878c, 1878g) que, constituídas por farinha, eram tidas pelo Império como provimentos melhores que a maniçoba e o croata que retirantes comiam ainda que os prejudicassem. Não à toa, Patrocínio entende que a existência destas condições de (sobre)vida tidas como anárquicas o convocam a dizer que a província “vai caminhando para um completo aniquilamento” (Gazeta... 1878e). A publicação da *Gazeta de Notícias* (1878d) detalha o espanto com o número mensal de mortes superior à 15 mil pessoas; sendo “dois terços de fome!” e esta situação poderia ser evitada com “systematização racional da distribuição dos socorros”. Andar por Fortaleza é, para Patrocínio (Gazeta... 1878e), equiparado a estar no inferno descrito por Dante; que, de tão impensável ante a vida experienciada na capital imperial, não há palavras que descrevam — ou que convençam — o que ele sente ao estar ali.

Ao ser notificado que seus relatos não eram suficientes para fazer crer os habitantes da Guanabara que duvidavam dos horrores narrados, o jornalista buscou munir-se de imagens que o permitiam constituir contornos visuais. Em conjunto com o fotógrafo Joaquim Antônio Corrêa, elaborou um conjunto de carte-de-visite retratando retirantes. Estas produções, discutidas por Daniel Macêdo, Poliana Sales e Caroline Sant’Anna (2024), articulam corpos cadavéricos a legendas pelas quais se constroem uma narrativa monstruosa sobre a seca de 1877.



Figura 1: Carte-de-visite "Secca de 1877/78"

Fonte: Brasiliana Fotográfica/Biblioteca Nacional

A narrativa visual, impossibilitada de circular na *Gazeta de Notícias*, é enviada para o imperador D. Pedro II a fim de notificá-lo da situação acometida aos retirantes; e disponibilizada para compor publicação d'*O Besouro*. Se a morte já não cabe em palavras ante a ausência de repertórios que constitui a impossibilidade da corte em imaginá-la nos termos experienciados por Patrocínio, a circulação das montagens realizadas em conjunto com Corrêa constituiu inclinações aos modos de conferir contornos simbólicos ao que se vivia no Ceará. A partir das fotografias, corpos famintos das ruas de Fortaleza passam a circular nas galerias da Guanabara com a 16ª edição d'*O Besouro* (1878b). No início desta publicação, intitulada por 'Páginas tristes — cenas e aspectos do Ceará', a ilustração assinada pelo português Raphael Bordallo Pinheiro elenca dois corpos mazelados pela seca e que são apresentados como "cópias fidelíssimas" de fotografias que retratam o "estado da população retirante".



Figura 2: Ilustração de Raphael Bordallo Pinheiro
Fonte: *O Besouro* (1878b) / Biblioteca Nacional

Empunhadas por um corpo ossificado e que traja um paletó, são nas mãos da Corte que a Revista atribui a responsabilidade pelas cenas de “fome e miséria”. A publicação denuncia o envio de “farinha falsificada” para alimentar os famintos e os socorros “distribuídos de maneira improfícua” que recebiam os sertanejos que “quasi sempre morriam” ao chegar à capital. *O Besouro* (1878) narra “a desgraça da população cearense” tomando a fotografia como um texto [pretensamente] inquestionável e, com isso, propõe-se a conferir uma “resposta cabal áquelles que acusavam de exageração a pintura que se fazia do estado da infeliz província”.

Nas publicações da *Gazeta de Notícias* também se destaca a responsabilização do Império com as catástrofes anunciadas no periódico. Patrocínio narra que “a tragedia da vergonha nacional, representada no Ceará, tem por cenário todo o vasto território da desventurada província” (*Gazeta...* 1878g) e não se furta a denunciar que o sistema de distribuição de socorros não funcionou, que não havia hospitais nos abarracamentos e que as alimentações disponibilizadas não eram suficientes. Com ironia, o jornalista questiona o descaso com os retirantes e afirma que “no Brazil não ha lei se não para impedir que a verdade possa ser dita com franqueza” (*Gazeta...* 1878h) ao deixar-nos pistas sobre as relações de censura vividas naquele período.

Com atenção às dinâmicas provinciais e a partir das investigações em Fortaleza, Patrocínio aponta que “a desgraça dos retirantes é augmentada pelo pessoal encarregados

da distribuição dos socorros” (Gazeta... 1878i) a quem atribui o descaso e a operacionalização dos desvios de recursos. Em que pese a insistência de suas denúncias, ele chega a declarar que “é inutil repetir que nenhuma providência espera-se contra os desmandos dos funcionarios remissos e incapazes a quem foi entregue o Ceará como festas eleitoraes” (Gazeta... 1878j) ao denunciar a presidência de Caetano Estellita e valorizar a transição para os mandados provinciais de Aguiar (Gazeta... 1878l).

Neste sentido, as produções de Patrocínio voltam-se a denunciar os abarracamentos e outras zonas de confinamento como um ato de salvação dos projetos de progresso associado às urbes produzindo, assim, a “cidadella da miséria onde a resignação da penuria ouve sem protestos as calumnias da fatura” (Gazeta... 1878f). Estas vidas entregues à morte poderiam, para Patrocínio (Gazeta... 1878c; 1878d), serem salvas com políticas de higiene, de profilaxia e de distribuição eficaz dos socorros — o que não lhe parece ter se concretizado apesar dos altos investimentos financeiros realizados pelo Império.

Considerações finais

“Os que não vieram assistir a tremenda exposição da miséria, os que não estão n'esta infeliz provincia, onde por toda a parte se encontra o panico, a ruina, a fome, a enfermidade, a morte, não podem ao menos acreditar nos factos que lhe foram narrados. Eu tenho pago bem caro a minha incredulidade!”, declara Patrocínio ao partilhar com os leitores da *Gazeta de Notícias* (1878e) os pesares que lhes são sensíveis em Fortaleza. Para quem não podia conferir as catástrofes da seca de 1877, Patrocínio incita seus leitores a imaginar estes lugares e as relações sociais que ali se viviam. Esta premissa vale tanto para seus leitores na cidade neutra, quanto para nós que, sob as contradições de outros tempos, nos envolvemos com tais publicações.

Para nós, que (des)conhecemos a seca de 1877, Patrocínio também se coloca a partilhar as catástrofes que lhes são sensíveis a partir de seus textos; permitindo-nos elaborar catástrofes particulares a partir das formas como angulamos o caso e o período histórico em estudo. Isto é, por um lado, admitir que somos implicados pelas narrativas a conferir perspectivas aos acontecimentos; ao passo que, por outro, constituímos nossas elaborações de sentidos de modos particulares, conferindo as dimensões sociais e políticas

pelas quais estas catástrofes são propostas a partir das publicações, como propõe Leal (2022).

Como antevira Albuquerque Jr. (1988), múltiplas articulações catastróficas se manejaram sobre a seca de 1877 revelando as intencionalidades dos agentes que as operavam. As elaborações de José do Patrocínio para a *Gazeta de Notícias* e para *O Besouro* são, pois, proposições que revelam o caráter parcial e impuro com as quais as catástrofes se designam como elaborações políticas. Neste caso, orientado a conferir a ‘verdade’ sobre a seca a partir de uma dicção jornalística, é o peso da folha de maior circulação no Império que recai conferindo envergaduras de legitimação ao escritor. Em dezembro daquele ano, a *Gazeta de Notícias* (1878m) chega a declarar que “o autor foi commissionado por esta empresa para ir ao Ceará espressamente estudar os horrores da secca, que está devastando aquela província, o seu trabalho tem pois todo o merito de uma verdadeira narrativa histórica” a fim de legitimar os escritos de Patrocínio ao anunciar o trabalho vindouro com a publicação d’*Os Retirantes* (Patrocínio, 1973).

Diferente da obra *Os Retirantes*, elaborada após retorno de Patrocínio para a cidade da Guanabara e embalada pela retomada de memórias e de fabulações sobre suas experiencias no Norte, as cartas da Viagem ao Norte são produções realizadas em meio às contradições de seus percursos nos territórios em que se vivenciava a seca. Demarcar esta relação é, aqui, tanto um gesto para reconhecer o papel referencial que as publicações de 1878 exercem em textos futuros de Patrocínio, como observara Camila Burgardt (2014); quanto um ato de valorização destas publicações que, frente as dicções jornalísticas manejadas na *Gazeta de Notícias* e n’*O Besouro*, confluem em particularidades de incidência social em meio ao contexto em que circularam. Por isso, em que pese a importância política da obra *Os Retirantes*, amplamente explorada nos estudos de Albuquerque Jr. (2017) de Neves (2007), importa considerarmos os apontamentos da Viagem ao Norte porque elas se constituem como fundamentos de tal publicação em que as tensões das experiências vividas e materializadas nas narrativas jornalísticas firmam-se como elementos para disputa da opinião pública sobre o caso a partir das catástrofes que se propõem.

Os escritos da Viagem ao Norte, mais do que relatos dos acontecimentos, nos chamam a ver a agência política realizada por Patrocínio ao nos propor determinadas composições catastróficas endereçadas a quem já não poderia confrontá-las como parte das experiências cotidianas. É nesta dimensão do cotidiano que estes escritos, em

detrimento dos posteriores, valorizam-se como um aporte particular para considerarmos a importância destes textos na consolidação da seca de 1877 como um marco na história brasileira, como propõe Albuquerque Jr. (1988). Patrocínio seguiu na Gazeta até 1881, quando foi questionado por suas posições políticas e afastou-se da redação. Suas contribuições abolicionistas são reconhecidas e o posicionam no panteão de heróis brasileiros; marcando, além destas atuações, um papel referencial como jornalista ao mobilizar imaginários sobre a seca e ao incidir na disputa de sentidos sobre o Norte ao firmar-se como narrador e dialogar com leitores que (des)conhecem as catástrofes da seca de 1877 por ele anunciadas.

Referências

ALBUQUERQUE JR, D. **Falas de angústia e de astúcia**: a seca no imaginário nordestino – de problema a solução. Dissertação (mestrado em História do Brasil) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 1988.

ALBUQUERQUE JR., D. As imagens retirantes: a constituição da figurabilidade da seca pela literatura do final do século XIX e do início do século XX. **Varia Historia**, Belo Horizonte, vol. 33, n. 61, p. 225-251, jan/abr 2017.

BURGARDT, C. **A invenção da seca no século XIX**: a imprensa do norte e o romance Os Retirantes. 2014. 168 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

LEAL, B. **Introdução às narrativas jornalísticas**. Porto Alegre: Sulina, 2022.

LEAL, B; GOMES, I. Catástrofe como figura de historicidade: um gesto conceitual, metodológico e político de instabilização do tempo. MAIA, J. et al (Org.). **Catástrofes do tempo**: historicidades dos processos comunicacionais. Belo Horizonte: FAFICH/Selo PPGCom UFMG, 2020

LEAL, B; MACEDO, D. “Dar fé” à catástrofe cotidiana: a multidimensionalidade dos acontecimentos. **E-compós**, v.26, 2023.

LEAL, B; MANNA, N; JÁCOME, P. Movimentos metodológicos em pesquisas do jornalismo: questões temporais e textuais. In: MARTINS, B et al. (Org.). **Experiências metodológicas em textualidades midiáticas**. Belo Horizonte: Relicário, 2019.

MACÊDO, D. Entre retirantes e flagelados: palavras e significações dos sertanejos migrantes em testemunhos da seca de 1877 no Ceará. **Dispositiva**, v. 13, n. 24, 2024.

MACÊDO, D; SALES, P; SANT’ANNA, C. Mirando montagens nas encarnações da Secca de 1877/78 em fotografias de corpos flagelados. **Revista Eco-Pós**, v. 27, n. 2. 2024.

MAGALHÃES JR, R. **A vida turbulenta de José do Patrocínio**. São Paulo: Lisa, 1972.

MARTINS, A; DE LUCA, T. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

NEVES, F. A miséria na literatura: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará. **Tempo**, v. 11, n. 22, 2007.

NEVES, F. Estranhos na Belle Époque: a multidão como sujeito político (Fortaleza, 1877-1915). **Trajetos - Revista de História UFC**, Fortaleza, v. 3, n. 6, 2005.

PATROCÍNIO, J. **Os retirantes**. 2ª. ed. São Paulo: Ed. Três, 1973.

SODRÉ, N. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

Revistas e edições de jornais

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, Ano I, n. 1, 2 ago. 1875.

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, Ano IV, n. 127, 10 mai. 1878a.

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, Ano IV, n. 149, 01 jun. 1878b.

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, Ano IV, n. 154, 06 jun. 1878c.

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, Ano IV, n. 198, 20 jul. 1878d.

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, Ano IV, n. 201, 23 jul. 1878e.

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, Ano IV, n. 212, 03 ago. 1878f.

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, Ano IV, n. 224, 15 ago. 1878g.

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, Ano IV, n. 231, 22 ago. 1878h.

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, Ano IV, n. 239, 30 ago. 1878i.

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, Ano IV, n. 247, 07 set. 1878j.

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, Ano IV, n. 252, 12 set. 1878l.

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, Ano IV, n. 351, 21 dez. 1878m.

O Cearense, Fortaleza, Ano XXXII, n. 45, 06 jun. 1878.

Revista O Besouro: Folha Ilustrada Humorística e Satyrica, Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, 04 mai. 1878a.

Revista O Besouro: Folha Ilustrada Humorística e Satyrica, Rio de Janeiro, v. 1, n. 16, 20 jul. 1878b.

Submissão: 15 de jul. 2024.

Aceite: 18 de nov. 2024.